

LIVROS EM REVISTA –
O TEMPO ENTRE SOMBRAS,
DE NEIDA LÚCIA MORAES¹

BOOKS IN REVIEW –
O TEMPO ENTRE SOMBRAS,
BY NEIDA LÚCIA MORAES

Ralph Peter*

Ralph Peter recebe no programa *Livros em Revista* a escritora Neida Lúcia Moraes que conta sobre seu livro *O tempo entre sombras*.

Ralph Peter (RP)²: Oi, pessoal, tudo bem? Ralph Peter com vocês novamente. Programa *Livros em revista* que vai ao ar toda quarta-feira, às 19h, pela nossa BCC Television. O programa *Livros em revista*

¹ PETER, Ralph. *O tempo entre sombras*, de Neida Lúcia Moraes. In: _____. *Livros em Revista*. BCC International Television: São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PRQ-9E4bQVU>>. Acesso em: 30 out. 2025.

* Bacharel em Comunicação pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP).

² Transcrição da entrevista realizada pelo Neples. Para dar ao texto maior legibilidade, optamos por excluir, em geral, as diversas marcas próprias da conversa coloquial, como expressões expletivas ("né?", "assim", "Aham", "Hum", "sabe?" etc.); frases repetidas ou fragmentadas pela hesitação, dúvida ou gagueira eventual.

sempre tem o firme propósito de levar até vocês um bom entretenimento com elevado grau de cultura, aliás, elevadíssimo grau de cultura, que vai acontecer agora, neste momento. Antes de passar para a professora Neida, eu quero agradecer os trabalhos exaustivos da Betânia, Luciana, Márcio, que sem eles nós não estaríamos aí, penetrando, com ou sem licença, nas vossas ferramentas midiáticas. Agradeço também ao jornalista Guilherme Loureiro, da GL Comunicação, que fez a gentileza de nos trazer esta pessoa maravilhosa que está aqui ao lado. E também quero agradecer a Maria Estela Guedes que, através do seu site *TriploV*, nos abre, literalmente, abre as portas e janelas do universo lusófono e que nos dá uma grande audiência e, o que é melhor, além de muito grande, uma audiência aquilatada, muito interessante, que é o que nós pretendemos.



Prints da entrevista de Neida Lúcia Moraes a Ralph Peter no programa *Livros em revista*.

Ao meu lado direito, professora universitária de História e membro do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia Espírito-santense de Letras, membro da Sociedade de Estudos do Século XVIII de Portugal e da Academia de Letras de Cascais — olha, acabamos de falar de Lisboa e estamos agora em Cascais — e outros títulos. Autora de 14 livros, e trouxe ao mundo *O tempo entre sombras*. Muito obrigado, professora, por ter vindo. Soube há pouco que *vistes* para cá, para o programa, e para fazer o lançamento do livro; realmente ficamos muito honrados.

Nelda Lúcia Moraes (NLM): Obrigada.

RP: Agradeço mesmo de coração. O título do seu livro, de seu romance... é o 14º livro?

NLM: É.

RP: É um título meio — sem querer brincar com... meio *sombrio*, entre *sombrias* meio *sombrio* —; por que e como você concebeu essa obra?

NLM: É porque o livro é passado na época da Inquisição, a Inquisição do século XVIII. Então, ponha sombrio nisso. Muito sombrio.

RP: Muito sombrio. Qual é a tese do livro? O que é que você menciona?

NLM: A tese do livro foi a seguinte. Como eu estava fazendo uma pesquisa sobre a Inquisição do século XVIII no Brasil, na [Arquivo Nacional] Torre do Tombo, em Portugal, eu encontrei um processo de um réu brasileiro que me chamou a atenção...

RP: Nuno?

NLM: Nuno Alvares de Miranda.

RP: Nossa Senhora!

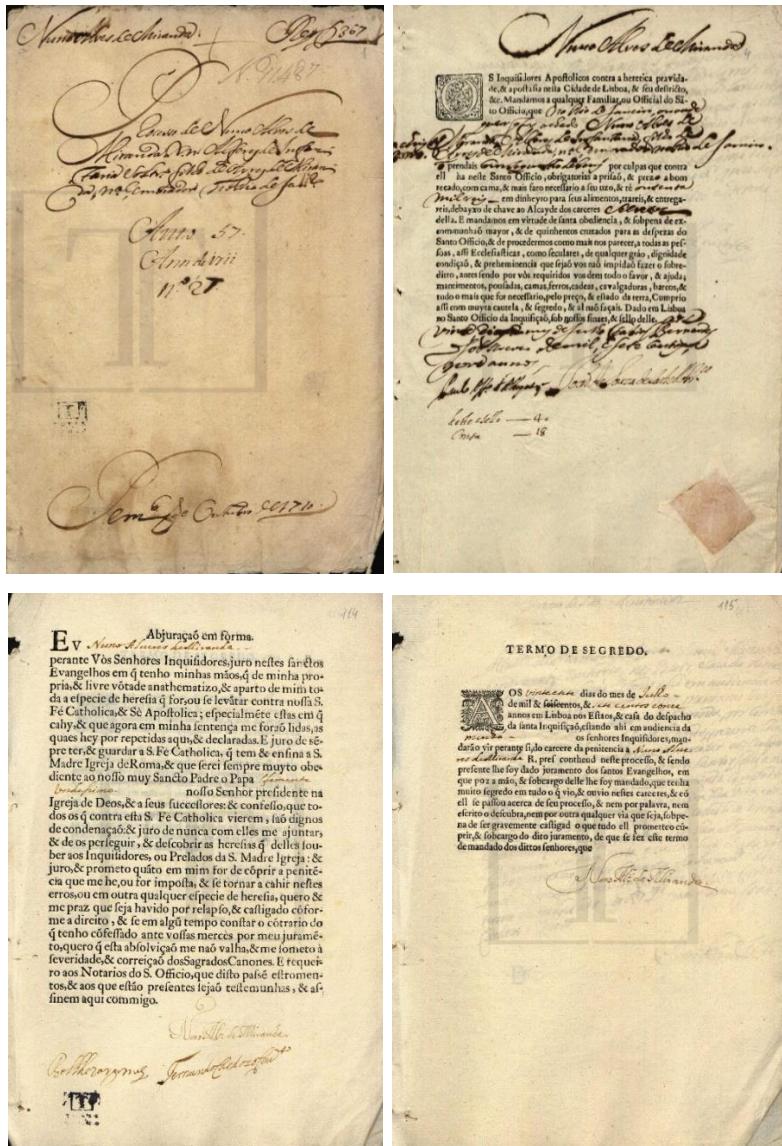


Print da entrevista de Neida Lúcia Moraes
e a exibição de seu livro em revista, *O tempo entre sombras*.

NLM: E esse processo me chamou a atenção pelas opiniões que ele dava; ele foi preso; então, o que que ele dizia? Ele dizia: "Mas eu não fiz nada de mal"; e depois ele dizia: "Inclusive, o mal é muito relativo, porque o que é mal aqui lá adiante pode não ser mal, até bom...". Então, achei aquilo muito interessante, e chamei a moça, responsável lá pelo arquivo, e disse a ela: Escuta, eu estou interessada em fazer um trabalho *histórico* sobre esse personagem, e gostaria que você me arranjasse mais elementos, porque...

RP: Para embasar melhor a história, é lógico.

NLM: Para embasar... Eu não poderia fazer um trabalho histórico sem estar embasada na documentação, não é? Ela disse: "Ah, mas é que hoje estou muito ocupada; a senhora volta daqui uns dois dias; que eu prometo que a senhora vai ter tudo o que a senhora precisa". Bom, voltei daí a dois dias. Aí ela me disse: "Professora, não achei mais nada; só temos esse processo, aqui, restrito, era mais sobre os bens deles que tinham sido confiscados etc."

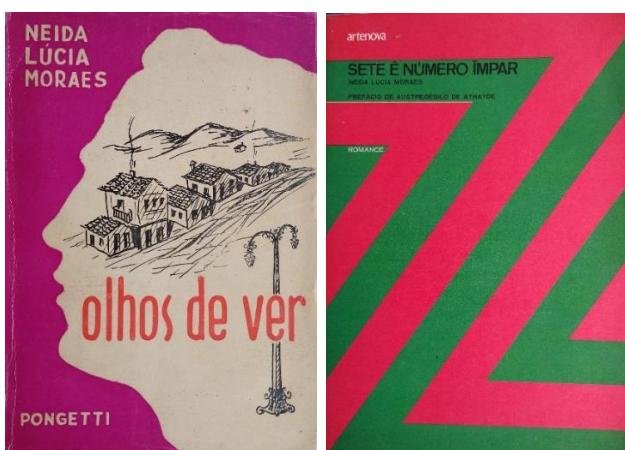


Capa e páginas do processo de Nuno Alvares Miranda, fonte de Neida Lúcia Moraes para a produção dos seus romances, e fachada do Arquivo Nacional Torre do Tombo (Foto sem crédito), em Lisboa, onde está registrado o documento.



Capas dos romances inspirados no processo de Nuno Alvares de Miranda: *O mofo no pão* (1984) e *O sentido da distância* (1985). *O tempo entre sombras* (2016), antes intitulado *À sombra do holocausto*, reúne aqueles dois romances sobre a Inquisição setecentista.

Aí eu fiquei com muita pena; fui para casa, mas com aquela ideia na cabeça: que pessoa interessante aquele Nuno... E como eu sou romancista, já tinha publicado outros romances, eu pensei: Ah, eu já sei, vou fazer, vou imaginar uma história para Nuno, mas baseada em todas as informações que eu estou tendo sobre a Inquisição, o sofrimento – olha o título...



Capas dos primeiros romances de Neida Lúcia Moraes.

RP: Sim, claro.

NLM: É. Então, foi dessa maneira que nasceu, então, o livro...

RP: E me fala uma coisa...

NLM: Mas essa não é a *verdadeira* história de Nuno, como eu já lhe expliquei...

RP: Mas o que você lastreou do fato verdadeiro...

NLM: Mas lastreei, me baseei naquela... Então, imaginei, mas também apoiada naquela documentação toda que eu estava estudando para fazer a palestra.

RP: Coincidência, então, uma bela coincidência.

NLM: Não é?

RP: E me fale uma coisa: Quais eram as opiniões do Nuno que levaram-no à prisão? O que ele falava de tão diferente?

NLM: Ah, ele dizia que Deus, para ele, era o sol, que a natureza, a chuva que orvalhava o campo. Então, o padre da localidade achou aquilo muito estranho e disse: "Escuta uma coisa, você está colocando Deus de uma maneira como se fosse a natureza?". Ele disse: "Sim, mas para mim Deus é a natureza", ele dizia. E ele dizia: "E aí, onde está o espírito de Deus?". E ele continuava a dizer certas coisas da Igreja; ele dizia que não acreditava na virgindade da Virgem Maria... E isso apoiada em outros documentos que eu tinha lido de pessoas que tinham sido sacrificadas pela Inquisição; eu colocava como se fosse dentro da história de Nuno.



"Auto da Fé em Lisboa", meados do século XVIII (Bibliothéque Nationale, Paris, France).



Lisboa, auto de fé no Terreiro do Paço (Pieter Vander Aa, rep. c. 1707).

RP: Dentro do personagem real...

NLM: E dessa maneira, o padre da localidade, que era uma localidade do interior e tal, levou essas notícias — vamos dizer assim — de Nuno, que estava fazendo isso, e, outra coisa, as pessoas estavam indo atrás dele, acreditando nas coisas que ele dizia...

RP: Estava virando líder...

NLM: Estava... estava virando um líder local...

RP: E padre não aceita isso...

NLM: Ele não aceitava...

RP: Aliás, acho que até hoje não aceita...

NLM: Eu acredito... Olha, tem muita coisa que se passou aí e que nós vemos hoje em dia...

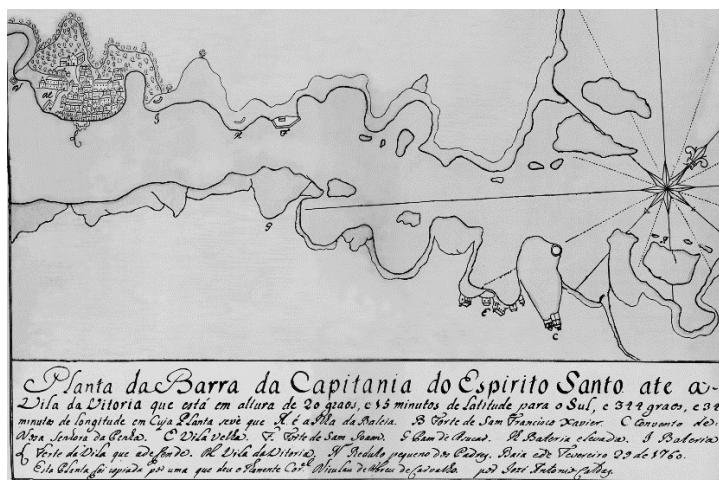
RP: Só muda a data... [Risos]. Mas continua...

NLM: Isso. E o endereço, não é? [Risos].

RP: [Risos] Continua, continua...

NLM: Muito bem. Então, o Nuno foi chamado a Vitória — porque isto está se passando no interior do Espírito Santo. Era outro padre, era o padre Paulo. E padre Paulo disse: "Escuta, você vem dizendo por aí tanta coisa; disse que não acredita na virgindade da Virgem Maria; disse que acha um absurdo a riqueza

das igrejas, enquanto os pobres estão por aí precisando de alimentos etc. e tal". E ele, então, petulante, respondeu que era mesmo, que ele achava assim mesmo etc. Bom, eu não vou contar o livro todo aqui, porque nós vamos ficar a tarde toda aqui contando o livro...



Baía de Vitória em 1760 (Planta da Barra da Capitania do Espírito Santo até a Vila da Vitória).

RP: Mas não precisa contar o livro todo... São quantas páginas? São 300 e tantas páginas... 420.

NLM: Mas acontece que ele então volta, mas continua... Ele tinha um amigo numa taberna do Josias, onde ele gostava de ir lá e dizer essas coisas todas...

RP: Ir pro discurso...

NLM: Discurso. Havia um detalhe que eu não expliquei, mas que vou explicar agora.

RP: Por favor

NLM: Ele foi criado por um padrinho, auferes, judeu, e que incutiu essas ideias na cabeca dele, parte dessas ideias, mas ele mesmo é que foi em busca, e

também ensinou ele a ler, a escrever, a fazer conta. Então, quando ele voltou para a aldeia, para os pais, ele estava diferente das pessoas do local, que não sabiam ler, não sabiam escrever...

RP: Ele tinha evoluído, em resumo.

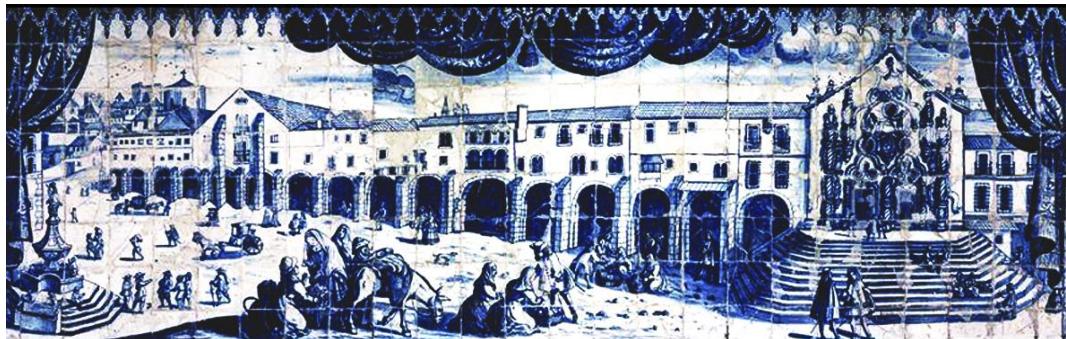
NLM: Ele estava com outro nível, sabe?

RP: Claro, claro.

NLM: Então, isso também causava muita inveja na comunidade, quando ele começava a falar, dizer. Então, começavam os intrigantes também, iam contar tudo ao padre etc. Bom, como eu já disse há pouco, não vou contar o livro todo...

RP: Mas está muito interessante, pode continuar a falar, nós queremos ouvir...

NLM: Ele acabou sendo levado para o Santo Ofício, em Portugal.



Lisboa. Painel de azulejos da 1.^a metade do século XVIII (?).

Bom, nesse ínterim, tem as histórias românticas, o amor que ele tinha pela Raquel. E o pai absolutamente não permitia o namoro com Raquel. Então, tem

os pensamentos dele que, modéstia à parte, estão muito bonitos, e ele pensa em Raquel, como ele gostaria de ter Raquel nos braços e por aí vai... [Risos]

RP: [Trecho Inaudível] Sabe o que estou achando legal?

NLM: Está. Olha que coisa boa. Arranjei um leitor... [Risos]

RP: Muito mais, eu posso te garantir, alguns milhões. Mas deixa eu te falar um negócio: o que eu estou achando legal...

NLM: Sim.

RP: É que você está contando e está se emocionando...

NLM: Estou [Risos]. É verdade!

RP: Você está literalmente falando bem de um filho teu...

NLM: Que coisa interessante!

RP: Você está literalmente vibrando inteirinha. Isso eu acho legal.

NLM: É, eu me senti emocionada...

RP: Eu sei.

NLM: Conversando com você.

RP: Mas continua, continua o relato. Agora, esse Nuno, você disse que ele foi criado por um padrinho.

NLM: É, um padrinho alferes.

RP: Ele não tinha pai, não tinha mãe? Como é que é?

NLM: Não, tinha pai e mãe; enfim, eu não coloco se eram judeus ou não, mas pelo jeito, pelas atitudes deles, eles não comiam carne de porco, lavavam a roupa suja dentro de um certo padrão...



Judeus orando na sinagoga no dia do Yom Kippur, de Maurycy Gottlieb (1878).

RP: Um ritual?

NLM: É, um certo ritual. Então, sabe como é, o medo da Igreja católica — que era muito rigorosa naquela época —, eles mentiam, mesmo quando eles usavam a fé judaica, eles mentiam...



Emblema da Inquisição portuguesa.

RP: Sim, é uma sobrevivência, não é?

NLM: É, era uma sobrevivência, exatamente.

RP: É igual, até bem pouco tempo, as pessoas que seguiam, por exemplo, o umbandismo, os umbandistas, não podia falar.

NLM: Não podia falar.

RP: Espírita até hoje; tem gente que: "Não eu, não; eu conheço...", mas não se declara. Quer dizer, até hoje a gente tem isso ainda.

NLM: E uma coisa que eu acho interessante, Ralph, é que quando eu estava escrevendo o livro e falando sobre todas essas coisas, eu de vez em quando fazia várias similitudes com acontecimentos atuais...

RP: Perfeito.

NLM: Sabe, com coisas que vem acontecendo hoje em dia, dentro de outros parâmetros etc., mas a mesma coisa: as pessoas se escondendo do que são, com medo de dizer para a sociedade o que é que são.

RP: Porque o preconceito ainda é muito grande, e a não aceitação do próximo, por incrível que pareça, ainda acontece.

NLM: É muito grande.

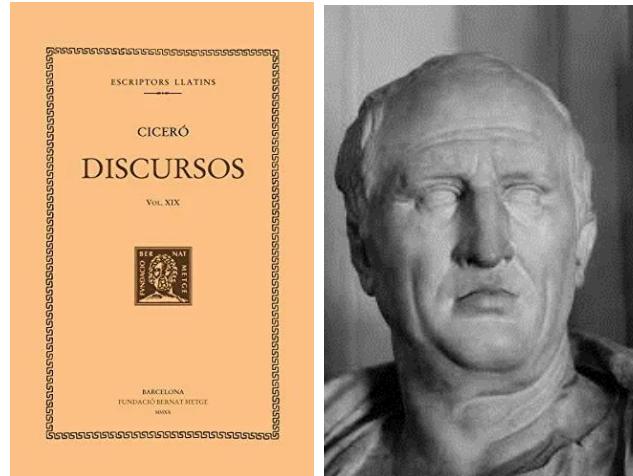
RP: Você é professora de História?

NLM: De História.



Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), nos anos 1970 e mais recentemente, onde Neida Lúcia Moraes atuou como professora de História (Fotos sem crédito).

RP: Se você pegar, por exemplo, os discursos de Cícero, o mesmo lance de corrupção da época é igual.



Capa de *Discursos*, de Cícero, e seu busto do Século I d.C. ([Museus Capitolinos](#)).

NLM: É igual! Tem coisas iguais!

RP: Não muda! Gente, não muda. É o ser humano que está lá. Independentemente da época, ou seja, somos corruptos hoje — eu ponho a carapuça, porque somos humanos...

NLM: Nós somos humanos...

RP: Nós somos corruptos hoje como fomos há dois mil anos e eu acredito que vamos continuar a ser, não?

NLM: Então, é uma semelhança que você encontra, que é muito interessante. Inclusive, no final do livro, eu pergunto: E hoje? Somos diferentes?

RP: Não muito, não é?

NLM: De muito daquelas coisas que aconteceram...

RP: O que mudou hoje foi... hoje as pessoas não são queimadas em praça pública...

NLM: Não são, mas...

RP: Mas são queimadas nos bastidores, na fofoca...

NLM: Na fofoca; moralmente são destruídas, é ou não é verdade? Eu acho que é até... é pior ainda, não é? Pior ainda...

RP: Nós estamos ingressando para a política... Vamos parar por aqui.

NLM: Não, não vamos falar de política; vamos voltar para o livro [Risos].

RP: Vamos voltar para o livro.

NLM: Bem, mas o livro tem muitas histórias românticas...

RP: Essas histórias românticas você tirou de você ou do que você lê por aí?

NLM: Da vida, não é? [Risos]

RP: Te peguei agora, hein!... [Risos]

NLM: Da vida. Agora eu tenho impressão que todo autor, ele quando escreve — claro, ele busca aqui informação, ali e tal —, mas tem muita coisa de dentro dele mesmo. É muito pessoal...

RP: Claro, por isso que eu falei que você estava mostrando-se pra mim emocionada, e para eles [os espectadores e espectadoras do programa] também, naturalmente...

NLM: É, naturalmente.

RP: Porque é você que está aqui, queira ou não queira. Por mais dados históricos que você tenha computado...

NLM: É, mas eu estou ali.

RP: O floreio, os insights todos é você.

NLM: Nas opiniões sobre o assunto...

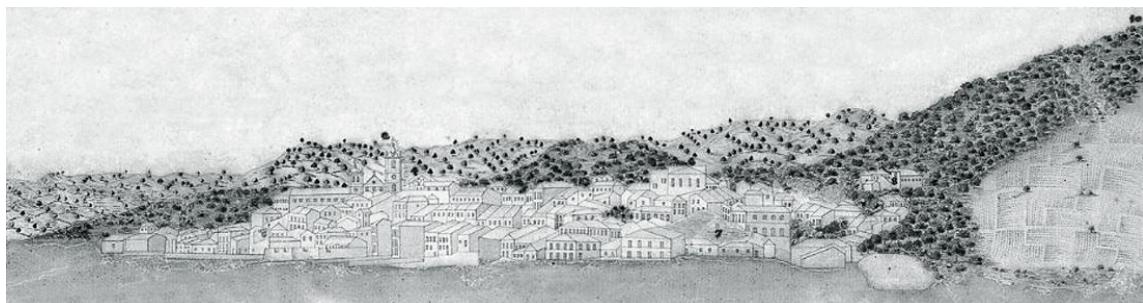
RP: Você conduz, não é? Literalmente, você conduz do início ao fim...

NLM: É, a gente vai conduzindo.

RP: E aí você aparece.

NLM: Pois é. É isso aí.

RP: Escuta, o Espírito Santo guarda ainda resquícios daquela época que você mencionou da Inquisição?



Vila da Vitória, em 1767, imagem com câmera escura de José Antônio Caldas
(Arquivo Histórico do Exército).

NLM: Não, não dessa maneira. Mas como nós estamos falando, a gente de vez em quando encontra casos e tal que se assemelham àquela, vamos dizer assim, àquela maneira dura de exigir que a pessoa pense assim: "Você tem que pensar assim, dessa maneira".

RP: Dogmático?

NLM: É, é assim. Isso a gente ainda encontra muito.

RP: Ainda tem?

NLM: Ainda hoje... Aqui em São Paulo também.

RP: Bom, particularmente em São Paulo, pelo que eu vejo, o clero perdeu um pouquinho de força.

NLM: Ah, não, perdeu. Que o clero perdeu aquela força dessa época, sem dúvida nenhuma.

RP: Foram tantos desmandos, tanta gente que morreu em nome de Deus, e agora está morrendo de novo nos outros lugares, não é?

NLM: É!

RP: Que horror, não? Bom, me fale uma coisa: você estava me contando há pouco uma história muito interessante: você especializou-se em século XVIII?

NLM: Foi.

RP: OK, e aí você escreve um livro, do Nuno, e foi para Portugal. Conta esse élan todo aqui.

NLM: Mas tudo isso vai acontecendo... a vida é uma coisa muito interessante...

RP: Circunstancial.

NLM: É. Eu não imaginava que tudo isso fosse acontecer.

RP: Que bom!

NLM: Aconteceu... Pois é, mas eu fico muito feliz que tenha acontecido.

RP: Mas o lance de ter acontecido e você ter gerado o livro é sinal de que você estava preparada para esse recebimento.

NLM: Quem sabe? Eu acho que sim.

RP: Sem dúvida. Se você não tivesse competência para levar avante a circunstancialidade... Veja, eu não estou tentando elogiar você, mas eu acho que isso é uma...

NLM: Mas isso é uma verdade.

RP: Não é?

NLM: Eu estava preparada para fazer uma história como foi feita.

RP: Getúlio Vargas que dizia que se visse o cavalo passar arreado ele monta...

NLM: É, o cavalo passou arreado e eu montei [Risos].

RP: Esteja preparado!

NLM: É verdade.

RP: Mas me conta essa história aí do século XVIII, quando você acabou se especializando, que você estava me contando há pouco.

NLM: Pois é, eu me especializei, mas eu não estava tão por dentro, porque eu tinha estudado mais por cima o problema da Inquisição. E quando eu tive esse convite para fazer essa palestra, eu me vi na obrigação de me informar, de me aprofundar no assunto.

RP: Mas me conta esse convite da palestra, porque aquilo que nós estávamos conversando no bastidor eles estão sabendo.

NLM: Ah, nós conversamos no bastidor; é isso mesmo...

RP: Conta esse convite.

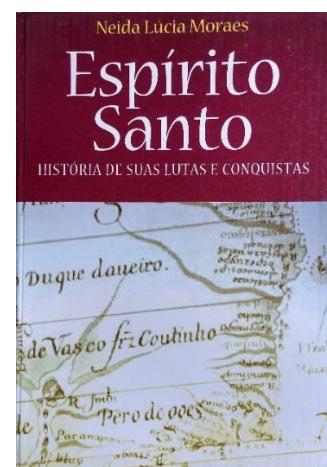
NLM: É o seguinte: eu conheci, em Vitória, que estava fazendo uma visita na cidade, o professor [Joaquim] Veríssimo Serrão — quem sabe ele está nos ouvindo, hein!



Professor Joaquim Veríssimo Serrão (Foto sem crédito)
e fachada da Academia Portuguesa da História (Foto sem crédito).

RP: Olha, deverá, porque nós seremos vistos seguramente em países lusófonos, a partir de Lisboa. Então, com certeza...

NLM: Então, o professor Veríssimo Serrão, é um homem muito conhecido em Portugal, muito prestigiado, e ele foi com a esposa no Espírito Santo. E eu tive a honra, o prazer e a honra de acompanhá-lo. Conversávamos muito, e eu dei um presente para ele que é um dos meus livros, que era a história do meu estado.



Capa do livro de Neida Lúcia Moraes que despertou o interesse do historiador Joaquim Veríssimo Serrão.

RP: Que é o Espírito Santo.

NLP: O Espírito Santo. E foi muito bom, porque ele gostou muito do livro, achou muito interessante o enfoque que eu dei, inclusive da colonização portuguesa. E me telefonou, dizendo que tinha achado muito interessante. E voltou, depois de nos despedirmos, voltou para Portugal. Um tempo depois, eu recebi uma correspondência, tarjada com [o timbre d]a Academia Portuguesa da História, e era um convite para que eu fosse a Portugal, para falar lá, fazendo uma palestra, mais focada no meu livro, como é que foi a colonização portuguesa no meu estado etc. etc. E eu fui; e lá em Portugal eu demorei mais um tempinho, porque eu tinha pessoas amigas e tal.



Selo da Academia Portuguesa da História.





Neida Lúcia Moraes em Portugal (Acervo da autora).

E ele, então, me telefonou, dizendo que havia um congresso sobre a Inquisição no século XVIII, e que gostaria muito que eu falasse alguma coisa sobre a Inquisição no Brasil no século XVIII. E foi assim que eu fui para a Torre do Tombo fazer uma pesquisa mais profunda sobre o assunto e encontrei o processo de Nuno Alvares de Miranda.

RP: Fantástico. Você vê, aquilo que nós já conversamos, tudo muito circunstancial, não é?

NLM: Tudo na vida.

RP: Agora, aproveitando o ensejo: houve alguma diferença, por exemplo, você falou sobre a aquisição no Brasil...

NLM: É.

RP: Qual a diferença entre a Inquisição no Espírito Santo, na Bahia e nas outras localidades? Houve alguma diferença?

NLM: No Nordeste a Inquisição foi muito mais intensa. E nós nem sabíamos — eu, por exemplo, não sabia! —, e conversando com os professores depois, eles: “Mas houve Inquisição no Espírito Santo?”. Eu falei: Houve; está aqui o processo que houve Inquisição no Espírito Santo. Eu até coloquei no livro a parte. Aqui

[NLM mostra a RP o fac-símile de páginas do processo publicado como anexo no livro *O tempo entre sombras*].

RP: Ah, os dados processuais, não é?

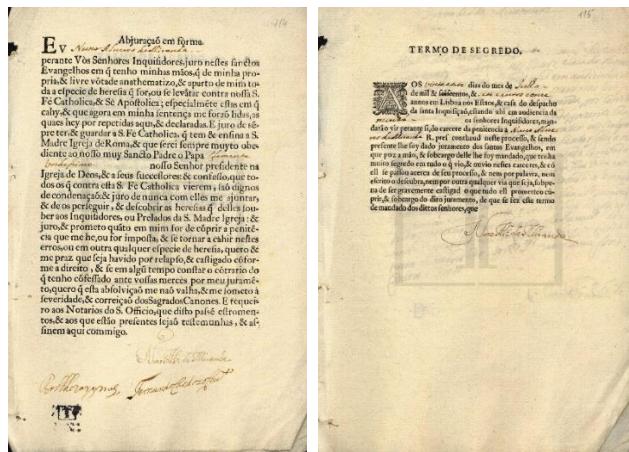
NLM: É.

RP: Perfeito.

NLM: Aqui, olha, “Termo de degredo”. O processo em que eu me baseei para fazer a história.



Print do momento quando Neida Lúcia Moraes mostra a Ralph Peter o fac-símile do processo que gerou o romance *O tempo entre sombras*.



Fac-símiles das páginas do processo de Nuno Alvares Miranda, publicados no romance *O tempo entre sombras*, de Neida Lúcia Moraes.

RP: Um senhor documento, hein!

NLM: É, o documento.

RP: Fantástico.

NLM: Na Torre do Tombo eu encontrei. E como eu lhe falei, eu não consegui mais; eu queria fazer um trabalho histórico, um trabalho sobre o Nuno, mas um trabalho histórico. E pedi à moça responsável que me arranjasse mais...

RP: Mais elementos...

NLM: Mais informação, porque para fazer um trabalho histórico eu tinha que estar apoiada na documentação histórica.

RP: Sim, se não, não tem seriedade...

NLM: Se não, não teria seriedade... Então, eu pedi, ela ficou de me arrumar. Quando eu voltei lá, para procurar, ela disse: "Professora, eu não achei mais nada, mais nada; só tem essa parte aqui do processo, dizendo quais eram os bens que foram confiscados". Era mais grosso um pouco, porque aquela série de bens confiscados.

RP: E esse Nuno morreu sob a égide da, por causa da Inquisição?

NLM: Ah, mas aí tem que ler o livro...

RP: Ah, mas é "malandra" [Risos]

NLM: Ah, eu não vou contar o livro, se não ninguém vai comprar o livro [Risos].

RP: Bom, nós sabemos que ele morreu... [Risos]

NLM: Está nas livrarias, está nas livrarias... Não sei, aí é segredo...

RP: Não é *degredo*, não, é segredo [Risos].

NLM: Segredo! É [Risos].

RP: Pessoal, acabou o tempo, menina. Lastimo.

NLM: Que pena, eu também estava gostando muito de conversar com você e com todas essas pessoas.

RP: São os nossos *internautas* [?], eles vão adorar você. *O tempo entre sombras*, da editora Ler, não é isso?

NLM: É.

RP: Neida Lúcia Moraes, o livro para ser lido com uma certa calma, porque ele é denso, porém com fatos...

NLM: Romântico, também...

RP: Romântico, exato; porém, com dados absolutamente verdadeiros, pelo menos os que lastrearam o personagem principal; depois, ficou tudo por conta dessa “cabeça desvairada” aí da professora... Oh, quer dizer, desculpa, [Risos] essa cabeça... [Risos]

NLM: É verdade [Risos].

RP: Professora, muito obrigado mesmo, de coração. Você é uma graça.

NLM: Obrigada eu. Eu queria agradecer especialmente pelo convite, sabe? Eu fiquei muito sensibilizada.

RP: Não tem nada que agradecer. Se não fosse pelo Guilherme, nós não estaríamos aqui.

NLM: Pois é, agradecer ao Guilherme também...

RP: Você sabe que eu fico imaginando uma aula com você.

NLM: Ora!

RP: Deve ser um encanto, uma coisa muito boa.

NLM: Obrigada. Olha só!

RP: Que sorte dos seus alunos, hein! Parabéns para eles todos.

NLM: Muito obrigada!

RP: Muito obrigado, menina! Felicidades! Pessoal, até a próxima! Muito obrigado pela paciência. Felicidades. Tchau, tchau!



Prints da entrevista de Neida Lúcia Moraes a Ralph Peter no programa televisivo *Livros em revista*, em 2017.

